

«O RENDER DOS HERÓIS»

por JOSÉ CARDOSO PIRES

Com voluntária novidade de composição e de forma intentou José Cardoso Pires, novelista de personalidade fortemente afirmada, a construção de um *fresco* dramático de sentido colectivo e popular, insurreccional e satírico, que não se enquadra decididamente em nenhum género. A composição aparente é teatral. Talvez se possa, mesmo, filiá-la num dilatado veio vicentino que permita transitar do auto de significação simbólica e socialmente crítica para a estrutura mais complexa de um drama cívico moderno a que não falta o acento épico. A matéria, porém, é a de novela histórica. O espírito que a galvaniza é nitidamente caricatural. E tem, em cada passo, ou a brevidade de um apólogo ou o descritivismo de uma comédia de costumes. O mais estranho e notável é que de tão complexa conjugação tenha resultado uma peça literária firmemente una, muito matizada mas de tessitura exacta — e sugerindo com eloquência o inconformismo anárquico, intuitivo e contraditório da massa popular ante os despotismos que a renegam e a atraíam.

«O render dos heróis» é um livro de fortes mas divergentes sugestões. O leitor fica com a impressão dominante de que o autor procurou exprimir nele uma apressada descoberta dramática do movimento sempre latente no povo português, mas sempre baldado, de construir o seu destino. E, talvez, a sua ansia irrealizada de heroísmo. O ambiente contraditório e instintivo da «Maria da Fonte» serviu-lhe de pano de fundo pitoresco e forneceu-lhe as sugestões essenciais. O talento literário irrequieto e pesquisador de José Cardoso Pires fez o resto. Mas decerto insatisfatoriamente — sobretudo para o próprio autor. Se não lhe faltassem o tempo e a capacidade de aplicação demorada a um trabalho de construção laboriosa e difícil, a novela li-

vemente romanceada ter-lhe-ia aberto muito mais largos horizontes de expressão dos desígnios fundamentais. E até do épico e do trágico que afloram nervosamente na narrativa dialogal e nas breves notas introdutórias de cada cena. Seria assim mais veemente e impressivo o estilo de convivência com o leitor (ou com o virtual «público») que Cardoso Pires soube tão bem imprimir a esta fantasia teatral irrepresentável. O escritor fez o que quis ou o que pôde fazer. E, tal como está, nas limitações que ressaltam da complexidade da composição, conseguiu fazê-lo muito bem. Mas a sua «incursão no terreno teatral e no gosto vicentino» tem um cunho inevitável de provisório e transitório: o novelista José Cardoso Pires tem outros caminhos muito mais largos e sólidos a percorrer. (*Publicações Europa-América, Lisboa: Coleção «Os livros das três abelhas»*).



JOSÉ CARDOSO PIRES